

**Nota prévia para o Encontro História Filosofia Religião: Conversações (2011)**  
**Marcio Tavares d' Amaral**

Há quase 10 anos venho trabalhando numa tentativa de compreensão dos desafios propostos pela nossa atualidade sócio-cultural globalizada, cuja expressão filosófica mais evidente e auto-sustentada é em geral chamada “discurso pós-moderno”, ou simplesmente “o pós-moderno”. Essa nomeação vale para as sociedades dirigidas para o consumo generalizado, aplica-se aos valores de individualismo, hedonismo e desafeição de toda alteridade, vigora para a virtualização do capitalismo sob sua forma financeira, diz alguma coisa sobre a planetarização da técnica, a ideologia da eficácia e a globalização como está sendo praticada.

As atitudes que tenho encontrado diante dessa nova, excitante, desafiadora e assustadora conjuntura são a de uma adesão eufórica ou as de uma reatividade denegadora ou (não se excluem, aliás) de um ressentimento irritado ou triste, como se, nesses dois casos, tivéssemos sido privados de algo de primeira necessidade, com que estávamos confortavelmente acostumados, e lançados num vendaval de simulações e simulacros, de faz-de-conta de real, de negação da verdade e dos fundamentos do ser, dizer, fazer, pensar que eram os nossos há ainda pouco tempo atrás. É verdade que “o pós-moderno” tem a pretensão do discurso único, que a globalização está-se operando por uma via unidimensionalizante, do consumo, com o achatamento das diferenças e alteridades, que ficam postas em figuras reacionárias e defensivas, ou são condenadas ao desaparecimento, mais dia menos dia, porque “a história acabou”. Vimos Biafra, Somália, Ruanda, a antiga Iugoslávia. O mundo do qual culturalmente fazemos parte ficou paralisado, ou simplesmente se retirou. Mas também é verdade que as potências das novas tecnologias, a virtualização do mundo posto em modelos operatórios, a capacidade de produzir verossimilhanças quando a verdade se oculta, ou já não se sabe o que é verdade, o que é a verdade, fazem parte dos nossos modos atuais de ser. Não menos do que a referência ao que é real “fora de nós”, ao Outro, aos fundamentos e à verdade do mundo, das coisas e das gentes. O risco está em a ideologia da eficácia pura fechar todos os horizontes de sentido do mundo para nós – e sobretudo para os que nós não somos, e estão excluídos de ser, se só há, ou houver, um modo de ser, determinado pela capacidade de consumir.

Apesar de os chamados pós-modernos decretarem, declaratoriamente, sem discussão, o que faz todo o sentido, aliás, os “fins” da história, do real e seu fundamento, e sua verdade, do sujeito/observador e sua capacidade de representar e extrair da representação a verdade do representado – apesar de tudo isto não admitir contra-argumento, pois para tanto seria necessário regressar aos territórios desertados dos fundamentos e raízes, ao pensamento crítico - apesar de não haver indicação atual de uma possibilidade qualquer de diálogo entre essas duas posições de nós mesmos, os ocidentais, penso que há uma atitude inteiramente legitimada a se tomar diante do paradoxo contemporâneo: tratar o momento pós-moderno como um tempo da história em que se diz e experimenta que a história acabou. E contar essa história, a partir do e na direção do momento pós-moderno. Dispomos da totalidade da História. Não temos de ser “neutros” em relação a ela. Podemos usá-la inteira de cada vez, ou em partes, para traçar essa (proponho) *história dos paradigmas* da cultura ocidental. Uma espécie de história que (à falta de comparação melhor, e até que uma melhor apareça) esteja para a cosmologia como a história das mentalidades está para a física quântica.

Mas desde quando? Qual é a duração dessa *nossa* história da qual se diz, hoje, que acabou? Proponho que esse tempo, cujos paradigmas macro-culturais me interessam, tenha começado quando a cultura grega do Ser e da razão e a cultura judaica de Deus e da fé, antípodas até a passagem helenística, se encontraram e paradoxalmente se fundiram, por volta dos séculos I/II da EC. A resultante dessa fusão cheia de tensões inconciliáveis foi a cultura cristã – judaica e não judaica, grega e não grega, a cultura que precisou de uma teologia para que a razão e a fé pudessem dialogar. *Cultura cristã*: uma nova religião, sem dúvida, mas também novos modos de organização social, de base comunitária, nova percepção do homem, de tipo universalista, nova relação com o poder e a lei, novo valor fundamental de referência, o amor antes da justiça judaica e da verdade grega, mas não em contradição com elas. Uma cultura cujo fundamento foi o de que, sendo uma cultura sempre um modo de responder à questão implícita *o que é real?, o que é para nós real?*, o fez levando em conta que, agora, há para o real *dois*, e obrigatoriamente dois, acessos, que no entanto na sua própria natureza se excluem: o acesso grego, mediado, que procede pela razão, e o acesso judaico, imediato, que se consubstancia na fé. *Fé e razão*, enunciado de uma poderosa questão que agitou o século XIII e pôs em pé de guerra os filósofos da Faculdade de Artes e os teólogos da Faculdade de Teologia da Universidade de Paris, seriam, desse modo, o próprio fundamento da nossa cultura. Não um problema teórico, em primeira instância, mas um sofrimento estrutural: o mundo é um (porque Deus é o Ser e o Ser é Deus – o que é tudo, menos evidente) mas só se diz, e faz, e pensa segundo uma duplicidade irreduzível e inconciliável. A história dos paradigmas dessa cultura, proponho, é a narrativa dos deslocamentos no trato com esse fundamento. Suponho que esses deslocamentos chegam à nossa época, e são incorporados pelo momento pós-moderno. Se esse movimento de narrativa e acompanhamento puder der feito, estaremos em condições de oferecer ao mundo e à vida que vamos vivendo mais do que reatividade e ressentimento, ou adesão irrefletida. Seremos capazes de *propor*. Há, em todo esse trabalho, um imperativo ético e político.

Há nove anos venho andando, muito devagar como creio que deve ser o andamento de quem deseja surpreender a formação de grandes paradigmas (que é quase como dizer: ter a lentidão necessária para acompanhar o surgimento de uma constelação), pelo traçado desse longo período e seus desvios, continuidades e rupturas. Quando necessário, voltando atrás, aos pré-socráticos, a Abraão, a Jacó e o Anjo, para andar para a frente. Dispondo da História toda a todo tempo, posso ter o gosto das suas distorções, anacronismos, e ainda encontrar nisso eficácia e utilidade. Esses estudos começam agora a entrar no século XX, que antecede o momento em que nos encontramos. E esse Encontro, neste dia 5 de novembro de 2011, deseja ser uma abertura de interlocução e debate público para deixar vir a nós o tempo que é nosso, e não temos conseguido compreender.